



## A INFLUÊNCIA DA ARTETERAPIA NAS PRÁTICAS COMUNITÁRIAS DE SAÚDE

Ana Catarina da Silva Nóbrega<sup>1</sup>; Maria Renally Braga dos Santos<sup>2</sup>; Thaylâne Creusa Rogério Silva<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Campina Grande – [anacatarina-16@hotmail.com](mailto:anacatarina-16@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Campina Grande – [mariarenally1@gmail.com](mailto:mariarenally1@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Federal de Campina Grande – [thay.rogerio@gmail.com](mailto:thay.rogerio@gmail.com)

**Resumo:** O presente artigo tem como foco promover a discussão acerca da influência da Arteterapia nas práticas comunitárias em saúde, utilizando como metodologia a revisão de literatura. Tendo como justificativa para essa temática as diversas metodologias participativas como dispositivo para promoção e participação no tratamento em relação à saúde mental. A partir disto, realizou-se uma breve apresentação das metodologias participativas e do seu surgimento juntamente com um novo modelo de saúde pensado a partir do Reforma Sanitária, juntamente com a Reforma Psiquiátrica, e nos princípios básicos do Sistema Único de Saúde, contextualizando historicamente a arteterapia, e sua aplicação nas práticas comunitárias de saúde, tendo em vista que é uma metodologia que pode ser usada com diversos públicos e abordando variados temas, de forma interdisciplinar, trazendo como exemplo alguns relatos de artigos desenvolvidos em grupos de arteterapia. Surgindo com influências das teorias de Freud e Jung, vendo a expressão da arte como manifestação do inconsciente, a arteterapia possui várias abordagens, tendo como principais a Psicanalítica, Junguiana e Gestaltica, porém, ambas visam a potencialização dos sujeitos ou grupos, tendo como meios utilizáveis desenho, pintura, colagem/recorte, gravura, tecelagem, modelagem, escultura, construção, teatro, tabuleiro de areia, escrita criativa, de maneira que sejam utilizáveis de acordo com a realidade demandada, podendo ser utilizada em diversos ambientes, como a escola, clínica, comunidade. Podendo-se ter como conclusão, a arteterapia como instrumento capaz para promover desenvolvimento na expressão da subjetividade do sujeito, sem caráter estético, mas como prática humanizadora que respeita as demandas socioculturais, possibilitando também ao sujeito uma melhor percepção de si e diminuição de sua inibição.

**Palavras-chave:** “saúde coletiva”; “arteterapia”; “metodologias participativas”; “promoção de saúde”

### INTRODUÇÃO

Este artigo tem como enfoque discutir em torno da aplicação da arteterapia nas práticas comunitárias em relação a saúde mental, em que se percorrerá desde seu contexto histórico, a concepção dessa metodologia participativa, e a apresentação de exemplos nas práticas comunitárias.

A arteterapia tem sua origem desde as teorias freudianas e junguianas, porém vem a ser utilizada como recurso terapêutico a partir da Reforma psiquiátrica, em que se tinha como emergência a produção de novos cuidados de atenção ao sujeito. A arteterapia como prática comunitária possibilita ao sujeito a transmissão de sua expressão, por intermédio da arte, seja pela poesia, música, pintura, desenho, englobando distintos dispositivos que contribuem para acessar o conteúdo mais longínquo que aparenta estar no psíquico, trabalhando não só o psíquico, mas também envolvendo o corporal, fornecendo o bem-estar, por está desviando a



atenção das diversas circunstâncias perturbadoras, e destinando-a a uma simples atividade em que fornece o relaxamento, se desprendendo do sintoma e se concentrando no sujeito como um ser de relação bio-psíquico-social.

Dessa forma, a arte-terapia é um dispositivo em que pode ser aplicado em tratamentos terapêuticos ou em terapias individuais e grupais em hospitais, em Unidades Básicas de Saúde, contribuindo para a humanização do espaço, desprendendo-se assim de um olhar mecânico, ressaltando a concepção que o terapeuta deve dominar os conhecimentos a cerca da metodologia aplicada.

Na contemporaneidade faz-se a utilização da arteterapia em diversos campos, na saúde, educação, organizações, instituições, a fim de envolver e possibilitar uma expressão não-verbalizada dos sentimentos dos sujeitos, fornecendo uma preocupação em voltar a atenção e um cuidado aos mesmos, onde são desenvolvidos variados projetos para a aplicação da metodologia participativa.

## **METODOLOGIA**

O método utilizado para a aquisição de informações foi à revisão de literatura narrativa, no qual, utilizou-se a análise de artigos, livros e revistas eletrônicas a cerca da temática “Arteterapia como instrumento para práticas comunitárias” promovendo discussões no decorrer do trabalho sobre a influência da arteterapia nas práticas comunitárias em saúde.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **1. Contexto Histórico**

Partindo do pressuposto da desinstitucionalização hospitalocêntrica, um dos focos da Reforma Psiquiátrica, emerge ao campo da saúde um novo sistema em que estreitará a relação da comunidade com o serviço da saúde, o SUS (Sistema Único de Saúde), onde este último tem como intuito promover o acesso a saúde gratuita a todos sem fazer diferenciação de pessoas. No qual, dentro desse sistema foram fornecidos dispositivos de práticas comunitárias que possibilitem a promoção e manutenção de saúde em que não se restringirá a um posto médico.



Contextualizando, de acordo com Fonseca e Jaeger (2015), a reforma psiquiátrica surgiu com o fim gradual da ditadura militar contemporânea a Reforma Sanitária, onde na mesma época surgiu o novo sistema direcionado a saúde pública, que se têm como pilares a equidade, a integralidade e a universalidade. A reforma psiquiátrica tem como maior finalidade acabar com os modelos hospitalocêntricos direcionados aqueles considerados “loucos”, os quais eram aprisionados e excluídos da sociedade, por apresentarem comportamentos divergentes do padrão normatizado pelo Estado.

Desta forma, tal reforma busca promover novas formas de cuidados para o tratamento da doença mental, que vai de encontro ao pensamento psiquiátrico em que se tem como foco apenas o sintoma, tendo como único tratamento a medicalização. A partir desse movimento, foram criados dispositivos na saúde mental, como os Centros de Atenção Psicossocial, as emergências psiquiátricas, residências terapêuticas, a instituição de psicólogos nas Unidades Básicas de Saúde e sua participação nos Núcleos de Apoio a Saúde da Família (NASF), em que se oferta um tratamento e uma promoção de saúde mental sem aprisionamento, permitindo a inclusão social das vítimas de estereótipos, e fornecendo a possibilidade ao indivíduo de construir variadas relações sociais com a população, produzindo autonomia aos sujeitos.

Com isso se foi planejado práticas comunitárias em saúde, que possibilitassem uma promoção de qualidade de vida ao sujeito e tratamento sem dependentes a medicamentos ou a instituições. Desse modo, emergiram mudanças no modo de cuidar, como exemplo, as metodologias participativas, em que envolviam os indivíduos e a comunidade como forma de aproximação e vivência e experiências que concebiam um discurso não limitador sobre as ações do "outro", permitindo ir além do verbalizado, adentrando a sua realidade social, e promovendo uma libertação em relação ao individual e o coletivo, para que o sujeito possa vir a desenvolver pensamentos críticos acerca da sua realidade social, adquirindo a capacidade de identificar as fragilidades da comunidade e meios para contribuir com a solução do mesmo.

De acordo com Silva (2002), as metodologias participativas são métodos disponibilizados intencionalmente para fornecer a grupos ou individualmente, uma forma de aproximação e de vivências dos sentimentos e percepções sobre específicos eventos ou informações, possibilitando reflexões a cerca a temática em que a metodologia se foi direcionado. No qual, no decorrer da atualidade esses métodos vem sendo propostos para



aplicar-se no contexto da saúde mental, para adentrar a estruturas em que se não é dirigida a atenção, com o intuito primordial de promover autonomia do sujeito.

Diante as metodologias participativas, destaca-se a arteterapia, por ser o uso da arte como forma de expressão dos sentimentos, emoções, criatividade e desejos, tendo como importância, segundo (FERNANDES; COQUEIRO, 2011), por ser “(...) um caminho para o sujeito perceber as possibilidades de expressão, a construção e a reconstrução de suas dificuldades de relacionar-se consigo e com o mundo, por meio de técnicas e materiais artísticos”, possibilitando uma conexão entre a imaginação e a realidade, proporcionando um espaço para a imersão na sua subjetividade.

## **2. O que é arteterapia?**

A arte, desde muito tempo corresponde as formas de expressão dos indivíduos, a exemplo das pinturas rupestres que eram utilizadas como meios de comunicação, havendo registros da utilização da arte para meios de tratamento e cura, a mesma em forma de poesia, teatro, música, esculturas. E na década de 40, foi pensado por Florence Cane e Margareth Naumburg a arteterapia (Vasques, 2009), que é uma forma de expressão artística, utilizada para fins terapêuticos.

Segundo Reis (2014), a arteterapia utiliza as diversas formas artísticas, trabalhando com a linguagem artística, de modo que o sujeito pense sobre si, não tendo como foco a produção estética e sim a promoção da saúde, sendo considerada como um meio expressivo da subjetividade, de maneira que pode ser desenvolvido de forma individual e grupal, permitindo ao psicólogo trabalhar os conteúdos emocionais com a finalidade terapêutica.

A arteterapia, assim como a psicologia, possui diversas abordagens teóricas, na qual cada profissional busca a que mais se identifica, porém, todas visam a arte de maneira a potencializar os sujeitos. E com base nisso autores como Andrade (1995) e Reis (2014) apresentam as principais abordagens da arteterapia como psicanalítica, junguiana e gestáltica.

A arteterapia psicanalítica, assim como no tratamento psicanalítico o sujeito é estimulado a associação livre, porém na metodologia em questão é utilizada a arte espontânea do sujeito, de maneira que compreende-se como uma projeção do seu inconsciente, essa teve com pioneira Margaret Naumburg. Já a de abordagem junguiana tem como principal nome Jung e a brasileira Nise da Silveira, o qual utiliza da imaginação do sujeito através de



pinturas, desenhos e esculturas, não sendo baseada na interpretação da arte, a qual só encontra sentido a partir da verbalização, mas sim a criação em si. A gestaltica, que toma como base a psicologia da Gestalt, juntamente com materiais artísticos, desenvolvidas de forma individual ou grupal, com a finalidade de que o sujeito amplie sua visão sobre si, de maneira que se propõe a potencializar o indivíduo por meio da construção de imagens, tendo como um dos principais nomes Janie Rhyne (Andrade, 1995; Reis, 2014).

É portanto, a partir da arteterapia que muitos sujeitos conseguem expressar seus medos e angustias, por meio da imaginação e da liberdade de expressão com diversos materiais utilizáveis para que a metodologia seja desenvolvida, Vasques (2009) apresenta algumas modalidades mais utilizáveis como: desenho, pintura, colagem/recorte, gravura, tecelagem, modelagem, escultura, construção, teatro, tabuleiro de areia, escrita criativa. Com isso, é importante considerar, que a cada grupo ou pessoa, deve ser levado em conta as suas especificidades, e por isso há diversas formas de se desenvolver a arteterapia.

### **3. Aplicação da arteterapia nas práticas comunitárias de saúde**

Considerando a arte como uma forma de expressão da subjetividade, a mesma pode ser adaptada a diferentes objetivos, inclusive na psicologia, abrangendo uma diversidade de temas como gênero, sexualidade, traumas e/ou conflitos emocionais, estejam os participantes em grupo ou de forma individual (REIS, 2014). Desta maneira, a arteterapia também permite ser compreendida como uma área de conhecimento interdisciplinar, atuando em diversos campos como a clínica, a escola, o social e o comunitário (REIS, 2014).

Segundo Araújo et al (2012), a arte como forma de cuidado, aliado ao processo de desinstitucionalização, aproxima o desenvolvimento criativo do sujeito, promovendo a saúde deste e reforçando as relações sociais da comunidade. Com isso, percebe-se nas produções literárias a existência de relatos sobre a experiência da aplicação da arteterapia nas práticas comunitárias de saúde, sendo algumas delas explanadas a seguir.

#### **Grupo Amigos da Arte**

O artigo “Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental” retrata o relato de experiência do grupo “Amigos da Arte” no CAPS Geral da Secretaria Executiva Regional III/UFC, em Fortaleza. Tal grupo é apoiado pelo Projeto Arte e Saúde, sendo este último



assessorado e supervisionado pelo Instituto Aquilae, responsável na formação de profissionais em arteterapia (COQUEIRO ET AL, 2010).

O grupo teve a composição de 13 participantes, homens e mulheres, com idades de 20 a 54 anos. Segundo Coqueiro et al (2010), o grupo teve resultados satisfatórios quanto a estabilidade psíquica dos participantes, sendo usuários dessa terapêutica esquizofrênicos, portadores de transtorno afetivo bipolar e depressão. Ainda, de acordo com os autores, houve dificuldade entre os usuários em aceitar a alta terapêutica devido a afeição especial destes para com essa metodologia participativa, tendo que haver um preparo individual de cada usuário, respeitando o tempo do mesmo, para que este se desvinculasse do grupo terapêutico.

Com isso, o contrato terapêutico pactuado inicialmente de oito meses fora prorrogado de setembro de 2008 para fevereiro de 2009 devido aos resultados alcançados pelo grupo. Desta forma, o grupo era semiaberto, obtendo encontros semanais às sextas-feiras, com 2 horas e meia de duração, no turno da manhã. Sendo os facilitadores um profissional em artes plásticas, uma assistente social especializada em arteterapia e uma enfermeira. Outrossim, é que o espaço utilizado foi uma sala do próprio CAPS, adaptada para ser um ateliê, capaz de disponibilizar diversos materiais, dentre eles tintas, telas para pintura, papel, giz de cera, argila, pincéis, tecido e material reciclável (COQUEIRO ET AL, 2010).

Salienta-se que não houve critérios rígidos para que os usuários ingressassem no grupo terapêutico, priorizando os que haviam interesse pela arte. Ressalta-se que, em relação as atividades utilizadas para com os participantes, as mesmas variavam segundo o humor dos mesmos, sendo necessário ao arteterapeuta adaptar-se as necessidades do participante. Desta forma, as atividades são iniciadas com exercício de relaxamento ou expressão corporal, em seguida deu-se espaço para a fala dos participantes sobre seus sentimentos, e a partir dos relatos, os facilitadores propõem alguma técnica que se adeque a situação presente e que utilize de expressão artística (COQUEIRO ET AL, 2010).

### **Grupo de arteterapia no Conselho Comunitário Fazenda do Rio Tavares**

O artigo “A arte como dispositivo à recriação de si: uma prática em psicologia social baseada no fazer artístico”, escrito por Alice Casanova dos Reis, retrata a atividade do “Grupo de Arteterapia” na cidade de Florianópolis, Santa Catarina, junto à comunidade do Bairro Rio Tavares e região. O grupo terapêutico ofereceu gratuitamente diversas atividades educativas e



socioculturais como aulas de informática, xadrez, dança de salão, grupo de artesanato, grupo da terceira idade, espaços para festas e eventos culturais (REIS, 2014).

Em busca de propiciar aos participantes o exercício da expressão criativa, planejaram-se as atividades como dispositivos de autopercepção e reflexão, a partir das experiências vivenciadas com o grupo (REIS, 2014). Por conseguinte, houve 18 encontros, com seis participantes, destinado para homens e mulheres, entretanto, participaram apenas mulheres, na faixa dos 50 anos, exceto uma que possuía 23 anos. Cada encontro possuía a duração de 1 hora e meia, sendo os temas definidos conforme as próprias demandas (REIS, 2014).

Cada encontro, por sua vez, tratou-se de uma conversa inicial, tendo em seguida a atividade artística e por último a exposição das obras. No entanto, o primeiro encontro apresentou-se um pouco divergente aos demais, tratando-se de uma conversa inicial, apresentação dos participantes e da psicóloga, expectativas e a proposta do trabalho, sendo em seguida realizada a atividade de colagem (REIS, 2014).

A autora ressalta que cada etapa do encontro é de suma importância, pois, o que se evidencia não é o belo, mesmo muitos dos resultados serem considerados belos, mas sim um exercício lúdico que permita a troca de experiências, sendo o participante acolhido e reconhecido pelo grupo, permitindo o mesmo ainda falar sobre si e colocar-se de outra forma em determinada situação. Outrossim, ressalta-se que, segundo Reis (2014), a psicóloga fazia a mediação do diálogo coletivo, no qual não se introduzia a interpretação das obras artísticas.

Com isso, os resultados obtidos foram positivos para os participantes, que segundo Reis (2014, p.251) apresentaram “ampliação na percepção de si; diminuição da inibição; aumento da capacidade expressiva; elaboração de emoções; aumento da autoconfiança; conexão com os desejos; melhora na autoimagem; desenvolvimento da criatividade; atitude positiva frente à vida”. Desta forma, segundo a autora o processo de criação artística, permeada pelas mediações ocorridas no grupo, permitiu um caminho para a transformação da subjetividade dos participantes (REIS, 2014).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tendo em mente as observações e os relatos de experiência colhidos na construção deste trabalho, compreende-se que a arteterapia pode ser tida como uma prática terapêutica multidisciplinar e multiprofissional, eficiente tanto para um participante em particular, como

para vários participantes. Desta forma, em relação às práticas de saúde comunitária, pode-se afirmar que a arteterapia é uma prática humanizadora que respeita as demandas socioculturais dos indivíduos, e por sua vez, da comunidade.

Com isso, através da valorização da saúde e não do belo realizado pela produção artística, entende-se que a arteterapia aplica-se a várias idades, possuindo através da psicologia diversas abordagens teóricas de aplicação, trabalhando acima de tudo a expressividade da subjetividade. Entretanto, através da revisão da literatura foi possível perceber a ausência de relatos de experiência sobre a arteterapia em práticas comunitárias de saúde, estando muitos destes referidos ao CAPS – Centro de Atenção Psicossocial e da Saúde e no contexto hospitalar.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. Q. de. Linhas teóricas em Arte-terapia. In: CARVALHO, M. M. M. J. (Orgs.) A arte cura? Recursos artísticos em psicoterapia. p 39-54. Campinas, SP; Editorial Psy II, 1995.

ARAÚJO, S. M. M. de; CÂNDIDA, M. F. C.; XIMENES, V. M. Arte e saúde comunitária: contribuições para a compreensão do processo de desinstitucionalização. Revista Psicologia e Saúde. Campo Grande, v. 4, n. 2, 2012.

Brasil. Ministério da Saúde. Cadernos HumanizaSUS. In FONSECA, Tania Mara Galli, LAEGER, Regina Longaray et al. A Psiquiatrização da Vida: Arranjos da Loucura, Hoje. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Saúde Mental / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. – Brasília : Ministério da Saúde, 2015, p. 23- 38.

COQUEIRO, N. F.; VIEIRA, F. R. R.; FREITAS, M. M. C. Arteterapia como dispositivo terapêutico em saúde mental. Revista Acta Paulista de Enfermagem. São Paulo, v. 23, n. 6, 2010.

MENDONÇA, G. Arteterapia no Caps: Uma nova forma de cuidar. Disponível em: <[http://fafia.srvroot.com/site01/Downloads/publicacoes/posgraduacao/ARTETERAPIA\\_NO\\_CAPS\\_UMA\\_NOVA\\_FORMA\\_DE\\_CUIDAR.pdf](http://fafia.srvroot.com/site01/Downloads/publicacoes/posgraduacao/ARTETERAPIA_NO_CAPS_UMA_NOVA_FORMA_DE_CUIDAR.pdf)>. Acesso em: 13 maio. 2017.



REIS, A. C. A arte como dispositivo à recriação de si: uma prática em psicologia social baseada no fazer artístico. Revista eletrônica Pepsic. Barbarói, Santa Cruz do Sul. n.40, p. 246-263, 2014.

REIS, A. C. Arteterapia: a Arte como Instrumento no Trabalho do Psicólogo. Psicologia, Ciência e Profissão, 2014, 34 (1), 142-157.

VASQUES. M. C. P. C. F. A arteterapia como instrumento de Promoção humana na Saúde Mental. Dissertação (mestrado). 88 f. Faculdade de Medicina de Botucatu, Universidade Estadual Paulista, 2009.

